



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTOS DE ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

Direção, Produção e Interpretação:
Os pilares do teatro na Educação Escolar.

Paulo Sandro Teixeira de Paula

Brasília, DF
2011.

PAULO SANDRO TEIXEIRA DE PAULA

Direção, Produção e Interpretação: os pilares do teatro na Educação Escolar.

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro, habilitação em Teatro do Departamento de Arte Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Ms. Rita de Cassia Santos Buarque de Gusmão

Brasília, DF

2012

PAULO SANDRO TEIXEIRA DE PAULA

Direção, Produção e Interpretação: os pilares do teatro na Educação Escolar.

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB, Universidade de Brasília, no Instituto de Artes/CEN como requisito para obtenção do título de Licenciado em Teatro com nota final igual a _____ sob a orientação da Professora Ms. Rita Gusmão.

Brasília, _____ de _____ de 2012.

Professor _____

Professor _____

Professor _____

Dedicatória

Dedico este projeto primeiramente a Meu Pai Celestial que sempre atende minhas orações e me guia nas provações e diversidades e, também, agradeço muitíssimo a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram e contribuem com meu progresso profissional e pessoal, entre estes minha família, alunos e professores que são formadores de meu mundo.

RESUMO

O fazer teatral nas escolas, tem, aos poucos, recebido uma maior atenção por parte de educadores, gestores e governo, e, diante disto, nos propomos aqui a analisar até que ponto os pilares do fazer teatral são fundamentais para o efetivo ensino de teatro nas instituições de educação formal. Neste contexto, compreende-se que a base da realização teatral: direção, produção e interpretação, são de fundamental importância para um melhor ensino de Arte.

PALAVRAS CHAVE: Teatro; Ensino; Produção.

ABSTRACT

Doing Theater in schools, although seen as secondary in many educational institutions, has received increasing attention. In this context, it is understood that the basis of achieving theatrical direction, production and interpretation are crucial for a better teaching of art. Knowing that education Theatre in Brazilian schools has gradually received more attention from educators, managers and government, we propose here to examine the extent to which the pillars of theater making are key to effective school theater in formal educational institutions.

KEY WORDS: Theatre; Teaching; Production.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	p.07
1. TEATRO DA ORIGEM AS SALAS DE AULA.....	p.11
1.1 Como tudo começou.....	p.11
1.2 As aulas de arte na escola.....	p.12
1.3 O teatro na sala de aula.....	p.13
2. EDUCAR E ENSINAR.....	P.15
2.1 O professor de Arte.....	p.15
2.2. O professor de Teatro	p.17
2.3 O professor de Teatro e a escola.....	p.18
3. EXPERIÊNCIA PRÁTICA.....	P.22
3.1 Professores e o ensino de Teatro nas aulas Arte.....	P.23
4.CONCLUSÃO.....	p.28
5.REFERENCIAS.....	p.29
6. ANEXOS	p.31

INTRODUÇÃO

O ensino de Teatro nas escolas brasileiras tem tido uma grande evolução nos últimos anos. Pode constatar que boa parte delas tem colocado em suas grades curriculares o ensino de Arte como disciplina obrigatória, principalmente devido às diretrizes expressas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que dão à área de Arte uma grande abrangência, propondo quatro modalidades artísticas: artes visuais, dança, música e teatro¹.

Nos PCN's:

(...) entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais... Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (1997, p.44)

Certamente que o que se oferece nas escolas brasileiras ainda está distante do que gostaríamos, embora a educação formal tenha passado por diversas modificações ao longo dos anos no Brasil e no mundo e, obviamente, que todas essas modificações tenham sido de grande valia, principalmente, no que diz respeito ao incremento da grade curricular. A inserção da Arte no currículo escolar exerce grande influência no progresso da educação em nosso país, que apesar de ter avançado bastante em diversos setores da economia, precisa, ainda, reduzir, se não acabar, com uma grande fenda que há entre a educação que se oferece e a que deveria ser oferecida. Como se sabe, além de o Brasil ter assumido posição de destaque na política da América Latina, no PISA², Programa Internacional de Avaliação de Alunos, passou à frente de vários países vizinhos em termos de educação, recebendo o sistema

¹ Com a LDB de 1996 (lei no. 9.394/96), revogam-se as disposições anteriores e a Arte passa a ser considerada disciplina obrigatória na educação básica conforme o seu artigo 26, parágrafo 2º, que diz que o ensino de arte constituiria componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, visando o desenvolvimento cultural dos alunos.

² Sigla em inglês para *Program for International Student Assessment*.

educacional brasileiro uma nota melhor que a de quatro países latino-americanos: Argentina, Peru, Colômbia e Panamá.

As mudanças no currículo tem forte influência porque:

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e para o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p. 18)

O ensino de Arte tem passado por diversas fases que contribuem com o incremento desta disciplina e para a sua aceitação por parte dos alunos, isto porque a área vem sendo vista como um “conjunto de conteúdos articulados dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar” (PCN- Arte, 1997, p. 49).

O ensino de arte no Brasil sofre dificuldades por diversos fatores, sendo alguns deles a falta de profissionais qualificados para atender a demanda e, também, por uma ideia antiga de que o ensino de Arte serviria apenas para ‘tapar buracos’; isto contraria as propostas pontuadas tanto nos PCN quanto na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Concordamos Fusari e Ferraz, que é fundamental que o professor de Arte tenha qualificação para o desempenho de sua função:

Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de Arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. (2001, p. 53)

Nesta monografia, propomos uma reflexão sobre a importância do ensino de Teatro nas aulas de Arte, dando ênfase à prática da direção, ao ensino da interpretação e à produção de trabalhos pelos alunos. Para tanto, são necessárias não só aulas teóricas,

que muito contribuem para o aprendizado, é claro, mas também aulas práticas, que tornam o ensino mais completo. A integração entre teoria e prática faz com que haja motivação por parte dos alunos que, muitas vezes, não apresentam tão bom desempenho pela timidez ou falta de motivação, por exemplo. Se o docente se propuser a desenvolver os jogos teatrais, leituras e interpretações de textos, e também apresentações de peças, esquetes ou até mesmo peças musicais, poderá contribuir para o bom desempenhos dos alunos, até mesmo em outras disciplinas.

Toda a Pedagogia Moderna está voltada para o processo da descoberta e o Teatro é sem dúvida um dos maiores veículos de informação da criança. Podemos levar a criança a vivenciar, por meio da atividade teatral, assuntos ligados a todas as áreas de conhecimento, através da vivência de grande parte das matérias que são fundamentais na escola. Por isso o Teatro é capaz de exercer a função de elemento centralizador da expressão criativa, ou da atividade artística integrada. (BARCELOS, 1975, p. 34).

De natureza científica, este trabalho de conclusão de curso pretende ampliar as discussões sobre a importância da inclusão do ensino de Teatro na disciplina Arte. O tema *Direção, Produção e Interpretação: os pilares do teatro na Educação Escolar*, visa defender que estes três fatores compõem o fazer teatral e são indispensáveis ao docente, para que possa desenvolver a contento uma das modalidades do ensino de Arte em nosso país.

Propõe-se, então, como objetivo deste trabalho analisar o papel do ensino de teatro nas disciplinas de Arte nas escolas, identificando os alicerces que este proporciona ao desenvolvimento cognitivo e social do aluno, no meio em que este se insere. Como questões centrais tem-se: Qual a importância do ensino de Teatro nas escolas? Qual o papel do educador no ensino de teatral? Qual a importância da direção, produção e interpretação no fazer teatral na escola? Certamente responder a estas indagações é fator primordial quando se quer entender o ensino de teatro, uma das bases da disciplina que abrange os diversos aspectos socioculturais que contextualizam a educação.

Parte-se de um pressuposto de que se precisa corrigir o desvio apontado por Ingrid Koudela:

(...) na postura contextualista em arte - educação os objetivos educacionais estão ancorados na dimensão psicológica do processo de aprendizagem (...) a área carece de caracterização de conteúdos específicos, substituídos na maioria das vezes por objetivos educacionais amplos, que poderiam ser atingidos por qualquer outro campo de estudo. (KOUDELA 1998, p.22)

Um dos aspectos metodológicos desta pesquisa consiste na observação da postura dos alunos e professores em sala de aula durante as aulas de Artes, tanto no ensino fundamental quanto o médio, tendo como campo de estudo as Escolas Ernesto Gurgel Valente, em Aquiraz, e a Escola de ensino médio Flávio Marcílio, em Fortaleza, ambas no Estado do Ceará. Dessa forma pensa-se poder mostrar o professor da maneira preconizada por Paulo Freire, quando afirma que faz parte da prática docente a indagação, a busca e a pesquisa (1996, p. 32).

Diversos autores contribuem para reflexão sobre o complexo e multifacetado processo de construção da teatralidade. Para estabelecer o universo conceitual deste trabalho, faz-se necessária uma menção a trabalhos como os de Ingrid Koudela(1984) e Viola Spolin(1963), que tem contribuído significativamente para o desenrolar desta pesquisa, bem como outros grandes nomes que também somam com o processo de ensino e aprendizagem, do fazer e viver teatro nas escolas como um todo.

Tomando-se por base teórica esses referenciais, realiza-se um estudo descritivo, analítico e reflexivo, sobre a participação da direção, da interpretação e da produção no ensino de teatro, e sua influência nas aulas de Arte nas escolas, observando-o da teoria à prática, enfatizando sua importância, metodologia e, principalmente, a aceitação por parte dos alunos, buscando ampliar a reflexão sobre o contexto onde se insere o docente.

Como material para a reflexão se utilizou, além das observações e reflexões sobre as aulas, a indagação, por meio de questionários aos alunos e professores de arte, o que os mesmos compreendem por ensino de arte e de teatro nestas aulas. Tais questionamentos servirão de apoio metodológico para que observemos e comparemos o que se estabelece na teoria e o que reflete na prática.

CAPÍTULO 1

Teatro: da origem às salas de aula

1.1 Como tudo começou.

Assim como a própria humanidade, não se tem ao certo uma data definida para quando surgiu propriamente o Teatro. O certo é que sempre houve manifestações ao redor do mundo que contribuíram para o desenvolvimento do homem como ser humano e estas manifestações, ao longo da História, passaram a receber o nome de manifestações artísticas, culturais ou teatrais. Como nos relata Augusto Boal (1997, p.9): “No começo, sempre, em toda a parte, o teatro era uma festa popular, cantada e dançada a céu aberto”.

Com o passar dos tempos, as manifestações culturais e artísticas foram se tornando fundamentais para o desenvolvimento daquelas sociedades, que tinham, além delas, como forma de preservação de seus costumes, diversos rituais religiosos, danças, lendas e outras atividades comunitárias, que por sua vez contribuíram para o surgimento e organização da linguagem teatral, devido ao seu caráter, já que:

A atividade improvisacional, caracterizada pelo “momento” e pela “espontaneidade”, é por sua natureza um ponto de convergência e polarização de formas e manifestações teatrais, em toda a sua variedade, bem como dos mais diversos anseios, não só de libertação artística, como ainda psicológica e social. (...) o seu sentido é passível de adquirir significações múltiplas e a sua natureza pode prestar-se a manipulação de toda a sorte. (CHACRA,1991, p.111)

Certamente que o teatro desde sua origem accidental, se é que podemos assim dizer, até nossos dias tem passado por várias transformações que impressionam e instigam cada um de nós. Isto acontece não por vontade de uma pessoa, um povo ou muito menos por técnicas revolucionárias, não, isto acontece porque o homem é um ser criativo, iluminado e perspicaz, que a cada dia que passa tem a possibilidade de aprender mais. Voltamos a Spolin, que nos diz:

Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para as crianças que se movimentam inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com as suas equações. (1979, p.3)

Cabe aqui enumerar alguns momentos marcantes da história teatral, por não este o foco deste estudo:

- ✓ Na China antiga, o budismo usava o teatro como forma de expressão religiosa.
- ✓ No Egito, um grande espetáculo popular contava a história da ressurreição de Osíris e da morte de Hórus.
- ✓ Na Índia, se acredita que o teatro tenha surgido com Bhrama.
- ✓ Nos tempos pré-helênicos, os cretenses homenageavam seus deuses em teatros, provavelmente construídos no século dezenove antes de Cristo.
- ✓

Para os gregos, assistir às peças teatrais se tratava de um compromisso social e, por esta razão, os festivais de teatro eram muito importantes, se compondo por tragédias e as comédias, e cabia ao governo pagar para que mulheres, crianças e escravos pudessem comparecer às apresentações. Usualmente os festivais aconteciam em teatros de pedra, ao ar livre, onde era escolhido o melhor autor. As apresentações, geralmente, aconteciam por um dia inteiro, começando com uma procissão em homenagem ao deus Dioniso³, considerado protetor do teatro.

1.2 As aulas de Artes nas escolas.

Com o passar do tempo e com a universalização da linguagem, o homem foi sentindo cada vez mais a necessidade de interagir e uma das formas de socializar o

³ **Dioniso** ou **Dionísio** (em grego: Διώνυσος ou Διόνυσος, transl. *Díōnisos* ou *Díōnisos*) era o deus grego equivalente ao deus romano Baco,. Filho de Zeus e da princesa Semele, foi o único deus olímpiano filho de uma mortal, o que faz dele uma divindade rega atípica.

conhecimento era frequentando as escolas e universidades⁴. A Arte sempre fez parte do conjunto de conhecimentos abordados nelas.

No Brasil, conforme Barbosa (1984), o ensino de arte teve início com a chegada das primeiras indústrias, ao final do século XIX. Anterior a isto, a Arte era considerada uma atividade especificamente destinada às moças da sociedade. Barbosa (2002) também relata que havia muito preconceito em torno do ensino e aprendizagem das artes em geral, e por esta razão os homens não participavam dele. Somente no início do século XIX, com a Academia Imperial de Belas Artes⁵, esta barreira começou a ser rompida.

No final do século XIX houveram várias mudanças no plano político e social brasileiro, fazendo com que as propostas de ensino de Arte começassem a apresentar influências de modelos de outros países, como os Estados Unidos, com as ideias de Walter Smith, que criou a primeira academia profissional para educadores, em Massachusetts em 1870.

Entretanto, o ensino de Arte no Brasil passa a ser obrigatório somente em 1971, com a Lei 5692/71, com conteúdo reduzido e baseado numa visão tecnicista, compreendendo o educador de Artes como um profissional polivalente, ou seja, aquele que deve dominar os conteúdos de Artes Plásticas e Música. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação ratifica a obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica, levando-a a compor a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; esta área se organizou abrangendo Música, Artes Visuais, Dança e Teatro.

1.3 O teatro nas salas de aula

Conforme o sistema educacional no Brasil foi se organizando, os professores de Arte que antes eram, na grande maioria, leigos, passaram a dispor de diversos cursos

⁴ No Século 4 a.C. Surgem as primeiras escolas". Eram locais onde mestres ensinavam gramática, excelência física, música, poesia, mas não existiam salas de aula no sentido atual. Esse modelo dura séculos, até as escolas modernas. Em 859 Surge a Universidade de Karueein em Fez, no Marrocos, que existe até hoje. É considerada a primeira universidade do mundo no sentido moderno do termo – uma instituição dividida em departamentos com conhecimentos de diferentes áreas .

Por volta do Século 12 Surgem na Europa as primeiras escolas nos moldes das atuais, com crianças nas carteiras e professores em salas de aula. Eram obras de instituições de caridade católicas que ensinavam a ler, escrever, contar e, junto, iam transmitindo as lições do catecismo

⁵ A **Academia Imperial de Belas Artes** (AIBA) foi uma escola superior de arte fundada no Rio de Janeiro, Brasil, por Dom João VI. Com o advento da República, passou a se chamar Escola Nacional de Belas Artes, mas foi extinta como instituição autônoma em 1931, sendo entretanto absorvida pela Universidade do Rio de Janeiro e continuando em atividade até os dias de hoje como uma de suas unidades de ensino, a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

superiores, formadores de profissionais especialistas e, melhor ainda, com uma visão contemporânea sobre o mesmo.

A LDB, no 26º artigo, 2º parágrafo, assegura a obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica em seus diversos níveis para “promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (LDB, 1997, p.20).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) consideram de suma importância o ensino de Arte para as crianças, e sua relação com os demais saberes que devem fazer parte da formação no Ensino Fundamental. Isto porque a educação em Arte gera o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências pessoais:

Por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (PCN, 1997, p.15)

Os PCN demonstram a necessidade de tratar a Arte como área da educação, pois seu universo “caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo” (PCN, 1997, p. 26).

Esta evolução no pensamento sobre o ensino básico trouxe à tona diversas questões que ainda estão sendo respondidas. Lembramos aqui o pensamento de Peter Brook (1993: p.18-19), que afirma que o teatro é a vida. Faz-se teatro para reencontrar a vida:

Temos de acreditar numa compreensão da vida renovada pelo teatro, um sentido da vida em que o homem, sem receio, se torne senhor do que ainda não existe e lhe dê existência. A tudo o que não nasceu pode ainda ser dado em vida, se não nos contentarmos em permanecer como meros organismos com funções de registro (BROOK, 1989, p.15),

para salientar o quão importante é o ensino do Teatro nas aulas de Arte, pois este serve para motivar os alunos a interagirem com os demais alunos e a sociedade em geral, e

também a necessidade de que as aulas de Teatro tenham suporte pedagógico, tanto material quanto profissional no que diz respeito à transmissão de conhecimento.

Ao educador cabe saber se utilizar da tríplice base de sustentação do fazer teatral que são a direção, a produção e a interpretação, como estrutura, de modo a fazer com que o discente entenda, participe e viva o teatro de maneira eficaz e salutar, tanto para ele quanto para sua integração social.

CAPÍTULO 2

Educar e Ensinar

2.1 O Professor de Artes

Durante muitos anos o docente de Arte foi alguém que estava na escola para ensinar outra disciplina, geralmente Língua Portuguesa, e que complementava sua carga horária com a disciplina de Arte, até então, Educação Artística⁶. Com o advento das novas leis que procuraram melhorar o desempenho dos alunos nas escolas brasileiras, foi-se instituindo a figura do Professor de Arte.

A partir dos anos 80 constituiu-se o movimento de organização de professores de arte, inicialmente com a finalidade de conscientizar e integrar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de educadores, tanto da educação formal como não-formal. Esse movimento denominado arte-educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre o compromisso, a valorização e o aprimoramento do professor, e se multiplicassem no país as novas idéias, tais como mudanças de concepções de atuação com arte, que foram difundidas por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores entidades públicas e particulares (PCN, 1998, p. 28).

Entretanto, pela falta de profissionais qualificados e pela má gestão das escolas em nosso país, ainda na atualidade, existem centenas de escolas sem professores de Arte, e por isso mesmo, sem a qualidade adequada no seu ensino. Ana Mae Barbosa propõe que os governantes propiciem meios para que os educadores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir arte, pois, sem a experiência do prazer da Arte por parte de professores e alunos, não se chegará a nenhuma realização da teoria de Arte-Educação (BARBOSA, 2008, p.15).

⁶ A Arte foi incluída no currículo escolar, desde 1971, com o nome de Educação Artística, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda como "atividade educativa" e não como disciplina, sofrendo em 1988, a ameaça de ser excluída do currículo, a partir das discussões sobre a Nova Lei de Diretrizes e Bases.

O professor necessita ser profundo conhecedor dos conteúdos que passa aos alunos, pois segundo ela “a falta de uma preparação pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade” (Idem). Daí pode-se dizer que o professor necessita estar fundamentado para explicitar e discutir seus instrumentos, métodos e procedimentos de avaliação com a equipe escolar. “O professor precisa ser avaliado sobre as avaliações que realiza, pois a prática pedagógica é social, de equipe de trabalho da escola e da rede educacional como um todo” (PCN, 1997, p. 57).

Paulo Freire (1996, p.46) coloca que o reconhecimento da identidade cultural tanto no ato de ensinar quanto no ato de aprender, serve como fator de contribuição na prática educativo-crítica para que o sujeito possa revelar-se como ser social e histórico, pensante, comunicador, transformador, criador, tornando este capaz de realizar sonhos e de ter raiva, e capaz de amar.

Pode-se dizer que o Professor de Arte deve desenvolver mais que uma relação professor/aluno durante o processo de ensino e aprendizagem. Esta relação tem que ser de cumplicidade, pois durante os encontros serão abordados não só temas direcionados a disciplinas em si, mas também devem constar das aulas uma integração bipartidária, onde o aluno possa confiar plenamente no professor para que tenha disposição de participar das atividades realizadas, tais como, leitura em voz alta, interpretação de textos, socialização de sentimentos e principalmente integração com os demais alunos.

Sabe-se, que o ensino de arte no geral requer mais do professor do que em outras disciplinas, pois se faz necessário que o professor conquiste o aluno para que este apresente os resultados práticos almejados.

2.2 O professor de Teatro

Sabe-se que o ensino de Teatro nas escolas brasileiras ainda não tem o *status* merecido. Ainda não recebeu a atenção adequada por parte dos políticos e também nunca foi colocado como fundamental para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Certamente, isto tem acontecido por diversos fatores, nos cabe aqui enumerar alguns, segundo nossa concepção:

- Reduzida carga horária;

- Grande número de turmas por professores;
- Falta de profissionais qualificados e licenciados;
- Falta de tradição no contato com a Arte no dia-a-dia das pessoas;
- Desinteresse por parte dos alunos em entender e viver a Arte, ocasionado pela falta de acesso e convivência;
- Desinteresse dos gestores em apoiar as manifestações artísticas financeiramente.

De certa forma estes fatores influenciam o ensino do Teatro no Brasil e no mundo não só por questões políticas, mas também por sua subjetividade e principalmente pela sensibilidade que requer para sua absorção.

Como é notório, é difícil falar de arte. Pois a arte parece existir em um mundo próprio que o discurso não pode alcançar. Isso acontece mesmo quando ela é composta de palavras, como no caso das artes literárias, mas a dificuldade é ainda maior quando se compõe de pigmentos, ou sons, ou pedras, como no caso das artes não-literárias. Poderíamos dizer que a arte fala por si mesmo; um poema não deve significar e sim ser, e ninguém poderá nos dar uma resposta exata se quisermos saber o que é jazz. (GEERTZ, 2008, p.142)

De certa forma, embora tudo levasse a crer que o ensino de Arte não fosse obter um bom desempenho nas escolas brasileiras, pôde-se notar que a partir da criação do primeiro curso de graduação em educação artística no Brasil⁷ até os dias atuais, diversas ações fizeram com que o ensino de Arte pudesse desenvolver-se cada vez mais, tornando esta disciplina uma forte influenciadora no desenvolvimento dos alunos. Sabe-se, que o número de cursos de licenciatura ainda é muito pequeno em relação à demanda das escolas, contudo este número tem crescido paulatinamente e por esta razão a disciplina Teatro tem começado a ser valorizada com o surgimento de profissionais qualificados e principalmente licenciados para tal função.

Vamos agora fazer uma breve definição do professor de Teatro, pensando na necessidade que defendemos de que ele domine os conhecimentos de direção, interpretação e produção, para desempenhar bem suas funções no cotidiano da escola. Não trataremos de dramaturgia aqui, porque parte-se de um pressuposto de que há uma produção suficiente de textos dramáticos, que os professores de Arte podem trabalhar

⁷ Só em 1973, o governo criou o curso de graduação em Educação Artística, cuja modalidade em Licenciatura Curta, com duração de apenas dois anos, permitiu aos graduados lecionar no 1º Grau.

em conjunto com os de Língua Portuguesa e Literatura, ou que a prática de montagem pode gerar o texto a ser usado na aula. Inicialmente, vamos refletir sobre o que diz Viola Spolin:

O diretor ajuda os atores a encontrar e manter o foco, o qual coloca o jogo em movimento, e todos se tornam parceiros de jogo na medida em que prestam atenção aos mesmos problemas a partir de diferentes pontos de vista. (SPOLIN, 1999, p.22)

Pode-se afirmar que o diretor teatral tem sobre si a responsabilidade de fazer o espetáculo funcionar. Durante o desenrolar de seu trabalho ele deve estar apto a coordenar e supervisionar as funções dos demais integrantes, pois é ele que decide qual a melhor forma que cada integrante do grupo deve agir. Sua função é assegurar a qualidade e integridade da peça. Dessa forma ele deve estar apto a dirigir não só o espetáculo em si como também, a iluminação, o cenário, a oralização do texto, o figurino, sendo o responsável direto pelo direcionamento do trabalho dos atores e tudo o que acontece antes, durante e depois do mesmo.

Entretanto, sabe-se que o diretor teatral não é o dono da situação, embora se coloque sobre seus ombros muitas responsabilidades. Ele deve procurar direcionar e administrar as etapas do fazer teatral com segurança e responsabilidade, mas, acima de tudo, ele tem como função a provocação, procurar descobrir dificuldades onde os demais não veem, procurar fazer aparecer contradições e principalmente, ensinar a arte do questionamento:

O diretor tem uma primeira visão do espetáculo quando lê o texto. [...] Então o diretor deve sacar desta visão ainda confusa, que não é a concepção, mas sim o sonho de um espetáculo, certos primeiros planos de trabalho. Certamente deve traduzir isso em termos precisos: quais atores? Quais espaços? Deve ter um projeto. É inevitável. [...] O projeto é necessário para fazer arrancar o trabalho; mas depois chegam as coisas desconhecidas, dos atores surgem coisas ignoradas, ao próprio diretor surgem novas associações, os objetos mostram novas funções possíveis. (GROTOWSKI apud CEBALLOS, 1992, p.277)

Como vimos, o papel do diretor teatral é de suma importância para o desenrolar de um espetáculo teatral, e na escola, como em qualquer outro espaço, ele contribui para o entendimento da linguagem própria ao Teatro.

Na sequência, há um outro pilar do fazer teatral que é o produtor. Produzir um espetáculo requer dinamismo e principalmente dedicação, para que o espetáculo aconteça. Concomitantemente ao cronograma de ensaios, faz-se necessário que o produtor estabeleça datas, anote dados, fique atento a todas as necessidades que tanto o diretor quanto os atores, e demais pessoal técnico, venham necessitar. O papel de produtor que o docente assume se orienta no sentido de traçar as estratégias que serão necessárias para mobilizar as turmas e a escola, como também as famílias, para o evento teatral. De certa forma, o fazer teatral nas escolas requer tanto ou mais empenho que no trabalho profissional.

A partir de compreender seu papel como diretor e como produtor, o professor precisará saber desenvolver o ensino e aprendizagem da interpretação, sobretudo porque esta requer uma breve formação disciplinar. Atuar, no caso da educação básica, é uma experiência, uma forma de apreender o outro e a diferença, e cabe ao professor proporcionar

liberdade pessoal para experienciar. [A criança e o jovem] compreenderá e aceitará sua responsabilidade para com a comunicação teatral se envolvendo, ela desenvolverá relacionamentos, criará realidade e aprenderá a improvisar e desenvolver cenas válidas teatralmente, como fazem os adultos. (SPOLIN, 1979, p.250)

Para que haja um bom desempenho dos alunos nas apresentações nas escolas e em outros ambientes, faz-se necessário que estes obtenham primeiramente orientação, por parte dos profissionais de arte, de como agir durante os espetáculos. Spolin diz que ensinar às crianças e jovens é, antes de tudo, fornecer-lhes oportunidades de tomar decisões, de compor o projeto com suas contribuições, realizando suas ideias (Idem, p.29). O professor precisará reconhecer o interpretar como uma composição com o corpo todo, explorando e demonstrando as emoções, definindo um espaço e um tempo, e que isto gera o amadurecimento para compreender a linguagem teatral.

Certamente que dar aulas de interpretação não é uma tarefa fácil, principalmente porque não há uma adequação na grade curricular das escolas, em geral, com o tempo necessário para as aulas de teatro, quando o aluno receberia instrução adequada para desenvolver suas características e experiências. Contudo, o professor precisa estar

atento ao fato de o fazer artístico é uma das melhores formas de desenvolver os aspectos cognitivos e integracionistas do aluno.

Defende-se aqui que os professores de Arte insiram o Teatro na escola. Que aprendam a direção, a produção e a interpretação como metodologias, com o intuito de melhorar a interação entre os alunos, entre o professor e o aluno e entre o aluno e a comunidade, visto que o Teatro é um potente campo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da habilidade dos alunos de se comunicar, quando estão em fase de aprendizagem para a vida. O professor de Arte precisa conhecer o Teatro e suas especificidades, e a escola precisa do professor especialista em Teatro, porque:

Sem o conhecimento das formas e convenções teatrais, é improvável que os alunos possam se beneficiar deste processo de aprendizagem. É a forma que viabiliza a expressão e a comunicação de conteúdos. Quanto melhor o aluno conhecer a forma artística, melhor será sua aproximação ao assunto em foco. (CABRAL, 2002 p. 214)

2.3 O professor de Teatro e a escola

Ensinar Teatro nas escolas brasileiras é um dos maiores desafios para os professores de arte em nosso país. Isto se dá por diversos aspectos, principalmente porque desenvolver um trabalho voltado para o ensino da arte de fazer Teatro, requer que o professor tenha formação específica, e que compreenda os princípios básicos indispensáveis ao fazer teatral que são a direção, a produção e a interpretação. Estas três funções são o alicerce necessário para que o professor de Arte que pratica o Teatro, tenha

Sabe-se que produzir um espetáculo na maioria das escolas brasileiras não é uma das tarefas mais fáceis visto que são grandes os empecilhos que tornam a produção teatral quase que inviável, entre eles estão a falta de estrutura das escolas, falta de apoio financeiro e ausência de pessoas preparadas para tal função.

No processo do ensino do teatro na escola, o espaço aparece como um dos elementos de maior concretude para a exploração da teatralidade para o desenvolvimento da expressão cênica. Além disso, o espaço se constitui num importante marco diferenciador entre uma pedagogia tradicional e uma pedagogia contemporânea do ensino do teatro, servindo como um excelente recurso pedagógico que auxiliará os alunos

a se familiarizarem com os códigos teatrais de nossa época. (SOARES, 2010, p. 25)

O professor de Teatro, na maioria das vezes, deve enfrentar a dificuldade da expectativa da escola de que os alunos criem algum tipo de apresentação para cumprir o calendário escolar de festas. Para este calendário, esta recebe verba do PDE (Programa de Desenvolvimento Escolar) e por isto, faz-se necessário que se cumpram as metas pré-estabelecidas; todavia, nem sempre os professores, ultrapassam a barreira de realizar eventos improvisados, cobrando dos alunos um bom desempenho mas sem ter lhes dado um embasamento teórico – prático suficiente. Isto só será de fato possível no momento que o exercício docente em Arte, mas especialmente em Teatro, abranger os três campos de conhecimento: direção, produção e interpretação.

CAPÍTULO 3

Experiência Prática

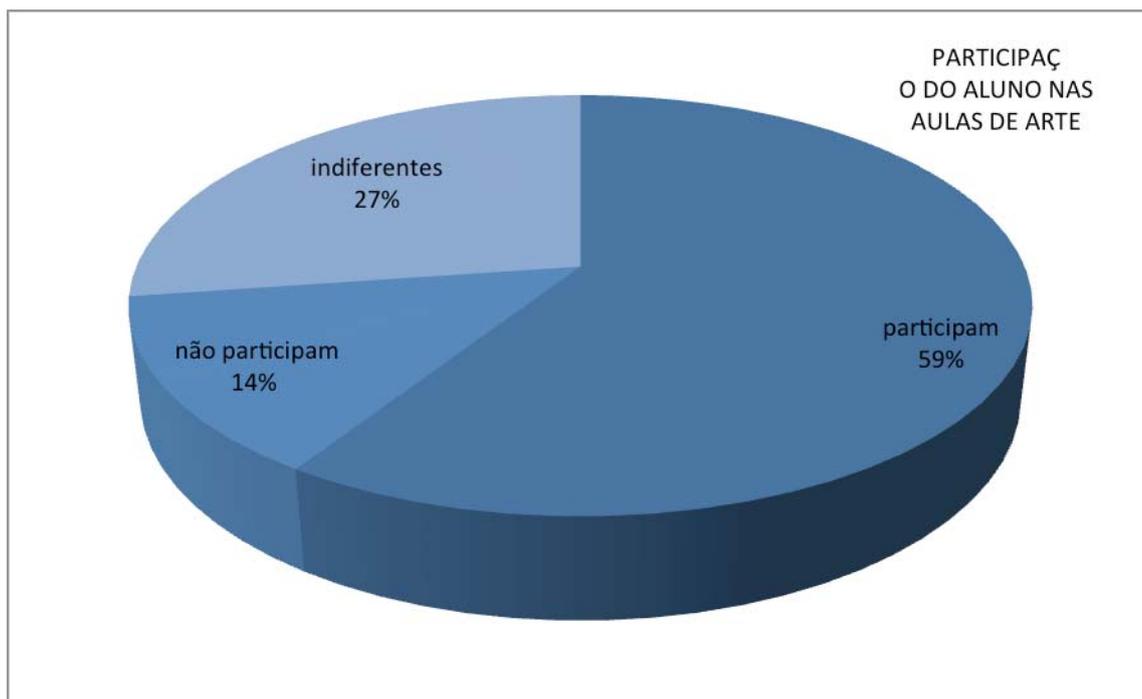
3.1 Os professores e o ensino de Teatro nas aulas Arte

Para corroborar o que tenho afirmado até aqui, realizei um breve estudo sobre a realidade do ensino de Teatro nas aulas de Arte. Para tanto fiz uma pesquisa de campo⁸ em duas escolas.

A primeira pesquisada foi a Escola de Ensino Fundamental Ernesto Gurgel Valente, situada no pequeno município de Aquiraz-CE, onde estudam atualmente 1.070 alunos. Esta escola é considerada pela Secretaria de Educação do seu Município como uma escola modelo, onde todos os professores são qualificados e concursados para atuarem especificamente em sua área de ensino.

Com relação ao ensino de Arte, pude colher dados que mostram que os professores da escola, num total de três, percebem uma boa participação de todos os alunos, e que estes na grande maioria das vezes, demonstram um bom desempenho durante as aulas, como se pode observar no gráfico a seguir:

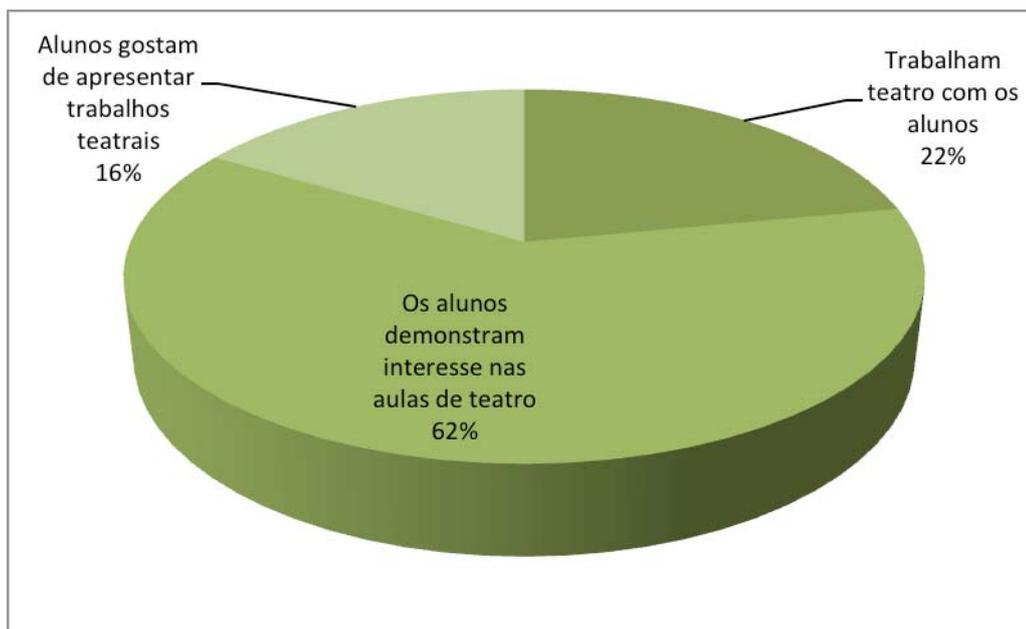
⁸ A **Pesquisa empírica** ou de campo é a busca de dados relevantes e convenientes obtidos através da experiência, da vivência do pesquisador. Tem como objetivo chegar a novas conclusões a partir da maturidade experimental do(s) outro(s). (Wikipédia.com.br)



Quando indagados sobre o ensino de Teatro, infelizmente, o que se percebe é que estes professores não dedicam maior tempo ao ensino desta modalidade, pela falta de experiência como o mesmo, visto que, suas formações não estão relacionadas ao Teatro, mas ao ensino de Artes Plásticas e Música.

Quando indagados sobre a participação dos alunos com relação a atividades em sala de aula como a leitura de textos, interpretação ou montagem de trabalhos teatrais, todos afirmaram que os alunos sentem-se bem motivados e sempre estão dispostos a participar, e que boa parte deles gostam de ler e interpretar em sala, contudo, a grande maioria deles não deseja apresentar trabalho algum fora do ambiente de estudo.

Conforme suas respostas percebe-se que há um retorno positivo com relação às apresentações nas escolas, que a grande maioria dos alunos gosta de teatro e os professores só não dedicam mais tempo para esta atividade por não se sentirem preparados para tal fim. Observemos o gráfico a seguir:



Por outro lado, na Escola Estadual de Ensino Médio Governador Flavio Marcilio, onde estudam cerca de 1.500 alunos, não há nenhum professor com habilitação específica para o ensino de Arte, por está razão é que para tal fim são lotados professores de Língua Portuguesa e ou Inglesa, que na maioria das vezes não tem preparo algum para o ensino de Arte e muito menos para o fazer teatral na escola.

Foram questionados seis professores que lecionam Arte nesta escola e a maioria deles assegura que, embora consigam uma boa participação dos alunos nas aulas, quando se trata de apresentações fora de sala há uma rejeição quase que unânime; isto se dá, segundo 80% dos professores, pela falta de um trabalho direcionado ao fazer teatral que na maioria das vezes está confinado apenas à teoria.

Todavia, os alunos se sentem à vontade em participar e apresentar em sala os trabalhos propostos pelos professores, despertando um questionamento: como trabalhar estes alunos para desenvolver seus dons artísticos de forma mais dinâmica e menos teórica?

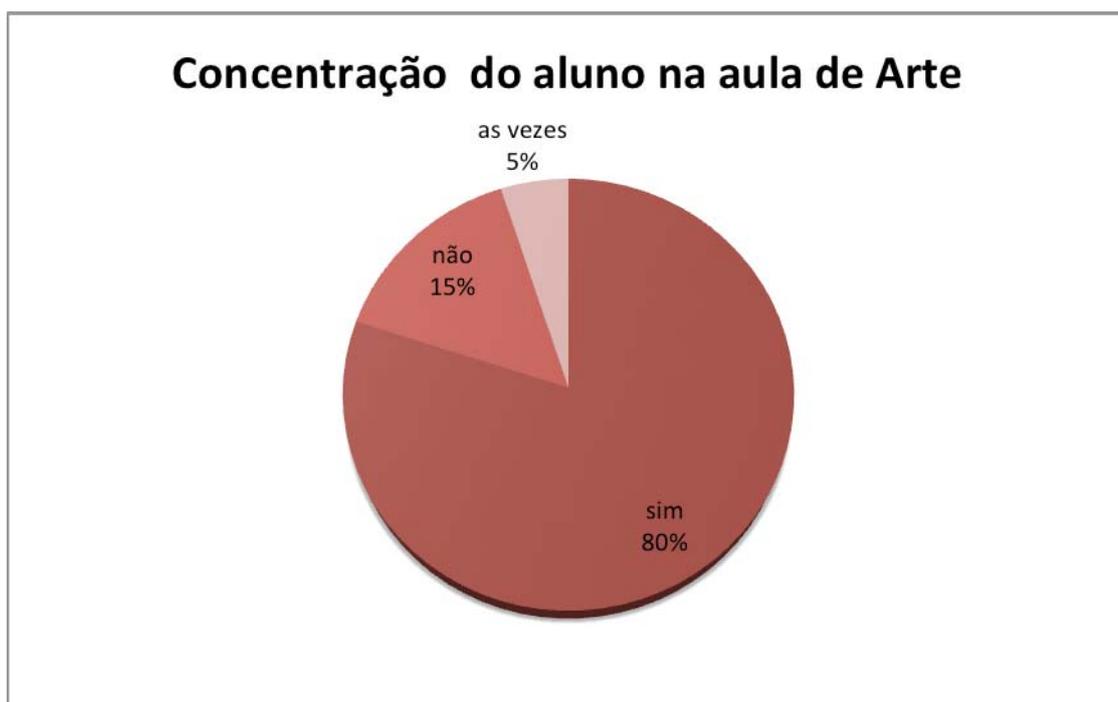
O certo é que não podemos dimensionar os acertos e dificuldades do ensino de Teatro no ambiente escolar sob o ponto de vista de apenas alguns professores, pois o universo é muito maior e mais complicado. A realidade é que cada escola, nas mais

diferentes cidades do Brasil pode apresentar diferentes problemas e buscar diferentes soluções.

O fato é que não podemos continuar a ver o ensino de Arte colocado para preencher a grade curricular de modo tão insatisfatório, temos que exigir que haja uma política para o ensino de Arte nas escolas assim como há em outras disciplinas.

3.2 Os alunos e o ensino de teatro nas escolas

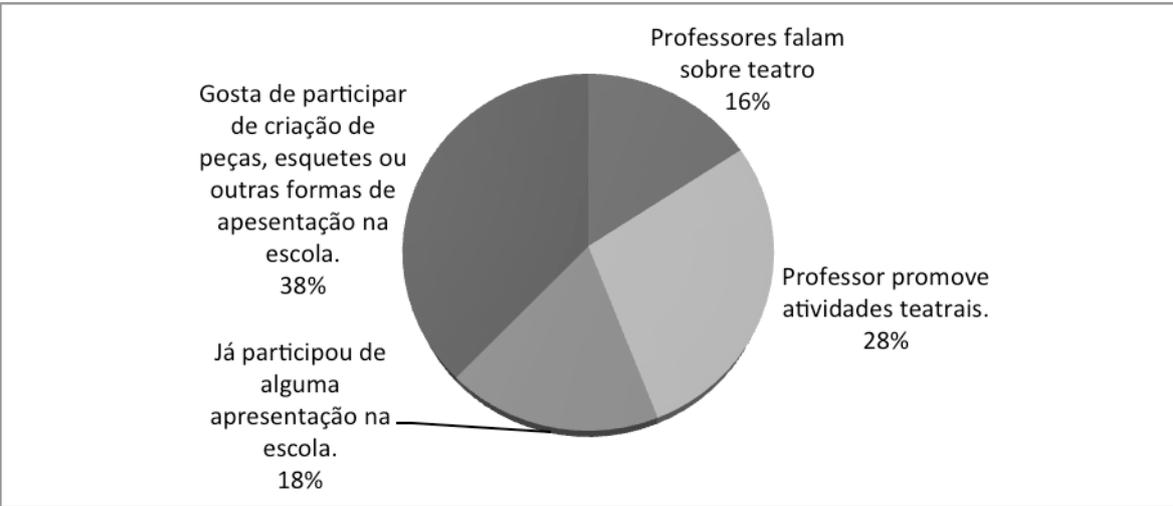
Ao contrário do que muitos professores relatam, a Arte nas escolas pesquisadas desfruta de uma excelente receptividade. Como podemos observar no quadro a seguir:



Quando o assunto pesquisado foi o interesse em participar das atividades propostas pelo professor temos o seguinte:



Questionados sobre o teatro nas aulas de artes alunos responderam o seguinte:



4. CONCLUSÃO

Falar do ensino teatral nas escolas públicas no Brasil é adentrar num universo complicado, visto que para a grande maioria dos profissionais do ensino de Arte, Teatro é algo utópico devido à falta de formação para tal. Entretanto por meio deste trabalho pude comprovar quão importante é o ensino de Teatro no que diz respeito ao suporte cognitivo e social que os alunos podem adquirir ao longo da Educação Básica. Certamente, perceber que o teatro na escola é fundamental é dar-lhe o *status* de indispensável na formação de nossos alunos, é fundamental para todos que abraçam a função de professor de Arte. Saber que o Teatro se realiza nas funções da direção, interpretação e produção de espetáculos nas escolas, já que a dramaturgia pode vir de outras fontes, faz necessário que o professor de Arte sinta o desejo e a vontade de desenvolver em si as habilidade que compõe o mundo teatral, e mais ainda, que ele se disponha a ensina-las aos alunos. Aqui temos apenas um ponta pé inicial do que pode vir a ser um material de apoio e direcionamento para a formação profissional. Esperamos poder dar continuidade na próxima fase de estudos e pesquisa.

5. REFERENCIAS

BARBOSA, Ana Mae. (org.) “As mutações do conceito e da prática”. In: Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Arte-educação: conflitos acertos. São Paulo: Max Limonad, 1985.

_____. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Recorte e colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. Teoria e Prática da Educação Artística. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. Arte-Educação Conflitos/Acertos. São Paulo: Max Limonad, 1984.

_____. Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARCELOS, Helena. Desenvolvimento da linguagem teatral da criança. Revista de Teatro da SBAT - Seminário de Teatro Infantil, Serviço Nacional de Teatro - MEC, p. 30-34, 1975.

BOTO, Carlota e Cortez, Cecília. Professoras da Faculdade de Educação da USP. <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-foi-a-primeira-escola> acesso em 15 de novembro de 2011.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. Avaliação em Teatro: implicações, problemas e possibilidades. Revista Sala Preta, São Paulo: Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de comunicações e Artes, n. 2, 2002.

_____. “ O diferente em cena. Integração ou interação?” Ponto de Vista Revista de Educação e Processos Inclusivos, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 6, p. 27-42, 2005.

_____. Drama como método de ensino. São Paulo: Hucitec, 2006

CARDOSO, Rafael. "A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico". In: *19&20 - A revista eletrônica de DezenoveVinte*. Volume III, n. 1, janeiro de 2008

CEBALLOS, Edgar. Princípios de dirección escénica. Gobierno del Estado de Hidalgo, Instituto Hildaguense de la Cultura – Grupo Editorial Gaceta, S.A, 1992.

CHACRA, Sandra. Natureza e sentido da improvisação teatral. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, M. H. C. T.; SIQUEIRA, I. S. P. Arteeducação: vivência, experimentação ou livro didático? São Paulo: Loyola, 2001.

FREIRE, Paulo. Políticas e educação. São Paulo: Cortez, 1993.

GEERTZ, Clifford. O saber local. novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Melio Joscelyne. 10ª Ed. Petrópole. RJ: Vozes, 2008

KOUDELA, I. Jogos Teatrais. São Paulo, Perspectiva. 1984.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Lei nº 394/96. Disponível em:

www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf. Acesso em: 18 de abr. 2009.

Lei nº 5.692/71. Disponível em: <www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm>. Acesso em: 18 de abr. 2009b.

PCN. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Ensino de quinta a oitava séries. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PCN, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PCN, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus. Educação Artística: leis e pareceres. Brasília: Cortez, 1981.

PCN, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PCN, Ministério da Educação e Desporto.. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Brasília: MEC, 2000.

PCN: Meio ambiente. Brasília: MEC/SEF, 1997

SOARES, Carmela. Pedagogia Teatral, uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública. São Paulo: Hucitec, 2010.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. O Jogo Teatral no Livro do Diretor. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Sites acessados

http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_289910.shtml

<http://noticias.r7.com/vestibular-e-concursos/noticias/brasil-vai-melhor-em-educacao-do-que-argentina-colombia-e-peru-20101218.html>

<http://www.culturabrasil.org/palblindage.htm>

<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2011P.PDF>

www.wikipedia.com.br

www.uol.com.br

www.unicamp.br/unicamp/servicos/bibliotecas

<http://www-sbi.if.usp.br/>

6. Anexos

6.1 Questionários usados para pesquisar os alunos



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTOS DE ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Sobre as aulas de Arte

1 .Durante as aulas você se concentra no que o professor(a) fala?

Sim () não() às vezes() quase nunca()

2.Você tem interesse em participar das atividades propostas pelo professor(a)?

Sim () não() às vezes() quase nunca()

3.O professor (a) durante as aulas fala sobre o teatro ?

Sim() não() às vezes() nunca()

4. Os professor(a) de Arte promove apresentações na escola e colabora com a participação da turma?

Sim() não() às vezes() nunca()

5. Você participa ou já participou da criação de peças de teatro, dança, musicais ou outra forma de apresentação em sala de aula ou no pátio da escola?

Sim() não() às vezes() nunca()

6.Você gosta de participar da criação de peças, esquetes ou outras formas de apresentação em sala ou no pátio da escola?

Sim() não() às vezes() nunca()

Obrigado, Sandro Teixeira

5.2 Questionários usados para pesquisar os professores.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTOS DE ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES NO EFETIVO ENSINO DE ARTE

Sobre o Ensino de Arte

1. Durante as aulas há uma boa participação de todos?

Sim() não() boa parte() quase ninguém()

2. Os alunos tem demonstrado um bom desempenho durante

Sim() não() boa parte() quase ninguém()

3. O teatro é trabalhado junto aos alunos?

Sim() não() as vezes() nunca()

4. Com relação ao teatro os alunos sentem-se motivados a participar das aulas colaborando com a criação de peças, esquetes ou outras formas de participação?

Sim() não() as vezes() nunca()

5. Nas aulas os alunos sentem se a vontade durante a leitura de textos, interpretação ou montagem de trabalhos?

Sim() não() as vezes() nunca()

6. Os alunos gostam de apresentar trabalhos em público e pedem sugestões de como montá-los?

Sim() não() as vezes() nunca()

8. Há um retorno em relação as apresentações na escola

Sim() não() as vezes() nunca()

9. As aulas que você tem participado tem obtido um bom resultado?

Sim() não() as vezes() nunca()

10. Sua formação acadêmica esta relacionada ao Ensino de Arte e/ou você se sente seguro ao fazê-lo?

Sim () não() em parte() Estou aprendendo aos poucos()

Outros: _____

Obrigado, Sandro Teixeira